



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8646174>

**DOI: 10.20396/liames.v16i1.8646174**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2016 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Cardoso, Valéria Faria (2015). *Descrição gramatical do Kaiowá (Guarani). Pontos essenciais*. Berlin: Novas edições acadêmicas. Pp. 248. ISBN 978-613-0-17073-8.<sup>1</sup>

Resenhado por Angel Corbera Mori<sup>2</sup>  
(CELCAM/IEL-UNICAMP)

Esta publicação tem como objetivo apresentar, à comunidade acadêmica e demais interessados, um panorama descritivo de aspectos da gramática do Kaiowá, uma variedade da língua guarani (Tupi-Guarani). Em sua análise, a autora se fundamenta nos aportes teórico-metodológicos da linguística tipológico-funcional, considerando a língua como um sistema de ação social comunicativa.

A obra está dividida em cinco capítulos. No primeiro deles, “*Kaiowá: O povo e sua língua*” (pp. 23-48), a autora traz fatos históricos do povo guarani, traçando sua dispersão geográfica, demográfica e linguística, tendo como base estudos de tipo antropológico, sociológico e linguístico. Reconhecem-se quatro subdivisões do povo guarani, a saber: os Nhandeva, os Mbyá, os Kaiowá e os Chiriguano. Falantes guaranis das três primeiras subdivisões citadas são encontrados no território brasileiro. Os Mbyá, ainda, também se encontram em território Argentino, na província de Missões (Censabella 1999) e em várias regiões do Paraguai (DGEEC 1997). Os Chiriguanos estão dispostos em Isoso, na região do Chaco Boliviano. Neste capítulo, ainda, há informações sobre a filiação genética do Kaiowá, descrito como variedade da língua guarani. Outras informações abordadas, nesta parte do texto, são os estudos prévios realizados, considerações referentes à pesquisa linguística realizada pela autora, a metodologia e técnicas do trabalho de campo, o corpus de dados coletados e a forma como são tratados os dados no conjunto da obra.

Em “*Morfossintaxe: Classes de palavras*” (Cap. 2, pp. 49-156), a parte mais extensa da obra, a autora descreve as classes de palavras em Kaiowá, considerando para cada classe suas propriedades morfossintáticas prototípicas, além das motivações semânticas e pragmáticas as quais as palavras podem ser submetidas (cf. Payne 1997). Consoante com os critérios previamente discutidos são reconhecidas seis classes de palavras, três relacionadas com a classe maior: (i) nomes, (ii) verbos, (iii) advérbios; e três consideradas da classe menor: (iv) pronomes, (v) posposições, e (vi) partículas. Uma característica relevante que caracteriza as línguas tupi-guarani é a ocorrência de marcadores de tempo nos nomes, fato também presente no Kaiowá. Esses marcadores, descritos como indicadores nominais de tempo (Tonhauser 2007), na língua kaiowá ocorrem sufixados ao nome e caracterizam os referentes em termos de tempo passado, futuro e futuro pretérito, como mostram os seguintes exemplos extraídos da obra à qual resenhamos (p. 69-70).

- |                   |          |                          |
|-------------------|----------|--------------------------|
| (1) ywyrá         | oga-rã   | ‘futura casa de madeira’ |
| madeira           | casa-FUT |                          |
|                   |          |                          |
| (2) tembireko-kwe |          | ‘ex-esposa’              |
| esposa-PASS       |          |                          |

---

<sup>1</sup> Agradeço a Jackeline Ferreira (PG. Linguística, IEL-UNICAMP) pela leitura e correções da versão do texto em português.

<sup>2</sup> [angel@unicamp.br](mailto:angel@unicamp.br)

No que diz respeito à oposição semântico-lexical de atividade vs. inatividade, a autora classifica a classe dos verbos kaiowá em: (i) transitivos ativos, (ii) intransitivos ativos, (iii) intransitivos inativos ou descritivos. Uma quarta classe, que não se insere na propriedade atividade vs. inatividade, são os verbos copulativos. Eles são o verbo *iko ~ ko* ‘ter, estar, ser’ e o verbo *-ĩ ~ -ĩmẽ* ‘estar, haver, ser, ter’. Para estabelecer a função copulativa, essas duas formas recebem marcadores de flexão típicos de verbos intransitivos ativos, ou seja, os prefixos pessoais da série I (p. 91, pp. 101-103, 163-164).

Como em outras línguas tupi-guarani, o Kaiowá cinde os verbos intransitivos em ativos e inativos. Os primeiros assemelham-se aos verbos transitivos, pois as categorias de pessoa e número são marcadas pelos prefixos da série I, da mesma forma que os verbos transitivos, mas diferem deles por não serem marcados pelos prefixos da série III, além de não admitirem os pronomes clíticos da série II, nem os prefixos relacionais. Em contraste aos verbos intransitivos ativos, os intransitivos inativos indicam a categoria de pessoa recorrendo aos clíticos pronominais da série II, da mesma forma que o argumento interno {O} dos verbos transitivos e diferenciando-se dos transitivos por não aceitarem os prefixos da série I e III (p. 85). Sintaticamente, os dois tipos de verbos intransitivos subcategorizam apenas o argumento externo, isto é, o sujeito sintático da oração. Uma característica peculiar presente na língua que é mencionada pela autora é o fato que os verbos intransitivos inativos, também caracterizados como verbos descritivos em outros estudos sobre as línguas tupi-guarani, em sua maioria, predicam qualidades e relações (p. 86), abrangendo, dessa maneira, as propriedades que corresponderiam à classe adjetivos nas línguas indo-europeias. Seis tipos semânticos desses descritivos são apresentados, a saber: dimensão, idade, valor, cor, propriedade física, propensões humanas (cf. Dixon; Aikhenvald 2004).

No que se refere aos advérbios, a autora menciona que na língua kaiowá estes pertencem a uma classe que não apresenta traços morfossintáticos específicos. A identificação dos advérbios, portanto, é feita com base em suas propriedades distribucionais e propriedades semânticas que expressam tempo, locação, interrogação e negação.

Dentre as classes menores são abordados os pronomes (pessoais, clíticos pronominais, dêiticos, interrogativos), as posposições (posposições em função de adjuntos e posposições em função de complemento) e as partículas. A seção de partículas é a menos explorada, pois a própria autora é ciente que muitas delas “podem fazer parte de outras classes, como por exemplo, da classe dos advérbios” (p. 148).

No capítulo 3 (pp.159-183) são descritas as características morfossintáticas das relações gramaticais inter-cláusulas, considerando-se os tipos de predicados verbais e não verbais e seus respectivos argumentos que ocorrem nas orações independentes da língua kaiowá. Dentre os predicados verbais, são abordadas na análise da estudiosa as orações com verbos transitivos, intransitivos e os copulativos. As construções com predicado verbal intransitivo, por sua vez, são cindidas em orações intransitivas ativas e inativas. Ambas as orações subcategorizam somente um argumento externo em função de S, que se diferenciam pelas propriedades semânticas dos verbos e pelos marcadores morfológicos de pessoa que ocorrem nessas construções. Nesse sentido, o argumento S das orações intransitivas estabelece uma relação de concordância com o verbo intransitivo ativo, da mesma forma que o argumento A concorda com o verbo de uma oração transitiva, sendo rotulados por S<sub>a</sub>. Sobre as orações intransitivas inativas,

o verbo inativo correspondente flexiona-se com os clíticos pronominais da série II, seguidos pelos correspondentes prefixos relacionais (p. 162). Nesse caso, o argumento externo em função de S tem as características de um argumento em função de O, da mesma forma que o argumento interno de um verbo transitivo é representado, então, por S<sub>o</sub>.

Em construções sintáticas com os dois verbos copulativos identificados: *iko ~ko* ‘ter, estar, ser’ e *-ĩ ~ĩmẽ* ‘estar, haver, ter’ o argumento externo ocorre como S<sub>a</sub> acompanhado de um complemento ou objeto do verbo copulativo. Esses verbos flexionam-se com os prefixos de pessoa da série I, semelhante aos dos verbos intransitivos ativos, porém se eles forem flexionados mediante os clíticos pronominais da série II, a oração resulta em uma construção agramatical, como se vê em (3)

- (3) \**je na-fe-ɲwere-ko-i* hoi  
 1SG NEG-1SG-CAUS.COM-COP-NEG casa  
 \* ‘eu não fiz-estar comigo a casa’ (Cardoso 2015: 164)

Os predicados possessivos, equativos e locativos são tratados pela autora como predicados não verbais, mas sim como núcleos nominais, não formados por verbos, que estabelecem relações de posse, identidade e locação. Nas construções com predicado possessivo e nas construções com predicado equativo, os SNs que especificam o possuidor e a identidade, respectivamente, são descritos como argumentos funcionais marcados como S<sub>o</sub>. Já nas construções locativas o SN tem a função de argumento externo marcado como S.

Ainda neste capítulo, são descritos os Sintagmas Nominais que operam como argumento externo, interno e oblíquo, além das funções gramaticais periféricas que são identificados como tais por terem funções discursivo-pragmáticas. As funções gramaticais periféricas são representadas pelo tópico e foco. Em construções com tópico, o argumento externo inicial ocupa a posição fora de S, e a posição originária de S é preenchida por um pronome livre que é correferente com o SN-tópico, como se vê em (4)

- (4) [*Pedro* [*ha’e i-ma’ẽndu’a João rehe*]]  
 TOP 3SG 3SG.So-pensa João DAT  
 ‘Pedro, ele pensa em João’ (Cardoso 2015: 179).

As construções de foco, por sua vez, podem ser marcadas pela partícula *te*, como no exemplo (5a) ou mediante construções clivadas, como em (5b).

- (5) a) [*pira o-ĩmẽ te*] *y-ry’e pyre*  
 peixe 3SG-estar FOC água-barriga LOC  
 ‘é peixe que está dentro da água’ (Cardoso 2015: 180)
- b) [*che ha’e*]<sub>FOC</sub> *a-vy’a va’e*  
 1SG COP 1SG-alegre NMLZ  
 ‘eu é que estou feliz’ (Cardoso 2015: 180)

O capítulo 4 (pp. 187-203) é dedicado à análise das orações independentes e dependentes. As primeiras incluem as orações declarativas (afirmativas e negativas), as interrogativas polares e não polares e as orações imperativas, estas constituídas pelas imperativas propriamente ditas e pelas exortativas. Nas construções com orações dependentes, são abordadas por Cardoso as orações subordinadas completivas, relativas e adverbiais e as coordenadas, que se manifestam, sobretudo, por parataxe, mas igualmente recorrem ao uso da partícula coordenativa **ha**. A referida partícula parece ser a mesma que ocorre na coordenação de constituintes e em construções que a autora as identifica como conjuntiva e disjuntiva (cf. p. 203).

Por fim, o capítulo 5 (pp.207-232) inclui uma descrição das cisões que ocorrem na marcação de caso e a forma de codificação morfológica da categoria de voz em orações com verbo transitivo. Baseando-se na linha tipológica de alinhamento sintático proposta por Dixon (1994), Cardoso analisa o Kaiowá como uma língua de intransitividade cindida ou *Split-S*, ou seja, o argumento S comporta-se como o argumento A de uma sentença com verbo transitivo, rotulado como  $S_a$  e é codificada pelos prefixos marcadores de pessoa da série I. Quando o argumento S se identifica de mesma forma que o argumento interno O de um verbo transitivo, este é rotulado por  $S_o$  e é codificado pelos clíticos pronominais da série II (p. 211).

Outra característica relevante discutida por Cardoso diz respeito à inversão semântica que apresenta o Kaiowá em sentenças com verbos transitivos. Nesse caso, a marcação das funções A e O operam com base na hierarquia de pessoa  $1 > 2 > 3$ . Desta forma, quando o argumento A é hierarquicamente mais alto que o argumento O ( $A > O$ ), ele ocorre com os marcadores da série I ou III, seguidos pelo morfema **i-** ‘marcador de voz direta’, como se verifica em (6).

- (6) che            po-i-nupã-ta  
 1SG        1SG:2PL(A/O)-**DIR**-bater-FUT  
 ‘eu baterei (em) vocês’

(Cardoso 2015: 229)

Quando o argumento O é hierarquicamente mais alto que o argumento A ( $O > A$ ), ele é marcado pelos clíticos pronominais da série II, seguidos pelo morfema **r-** indicador de voz inversa, como o exemplo em (7).

- (7) ha’e            che-r-aihu  
 1SG            1SG(O)-**INV**-amar  
 ‘ele me ama’

(Cardoso 2015: 229)

Como parte final da obra, é apresentada pela pesquisadora as conclusões e as referências bibliográficas das obras e autores que nortearam sua pesquisa da autora.

Em suma, a obra “*Descrição gramatical do Kaiowá (Guarani)*” representa uma contribuição importante aos estudos das línguas indígenas brasileiras, sobretudo das línguas da família tupi-guarani, mais especificamente do Kaiowá, uma variedade da língua guarani, falada por 25 mil pessoas, aproximadamente. O povo mencionado está distribuído pela região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul. Os dados analisados são de primeira mão, coletados pela autora em diversos

trabalhos de campo junto aos falantes indígenas do Guaraní Kaiowá. Sem dúvida, as características morfo sintáticas descritas e analisadas nesta obra são um ponto de partida para uma investigação mais aprofundada dessa variedade. Percebe-se que alguns aspectos, como a inversão semântica e a ordem dos constituintes, foram tratadas muito brevemente, mas isto, de maneira nenhuma, desmerece o mérito e importância desta publicação. É uma obra de consulta obrigatória tanto para os formandos em letras, linguística, falantes do Kaiowá, educadores envolvidos em programas de educação intercultural quanto para pesquisadores experientes nos estudos das línguas ameríndias.

## Referências

- Censabella, Marisa (1999). *Las lenguas indígenas de la Argentina*. Buenos Aires: Eudeba.
- DGEEC (1997). *Pueblos indígenas en el Paraguay*. Paraguay: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos.
- Dixon, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dixon, R. M. W; Aikhenvald, Alexandra Y. (eds.) (2004). *Adjective classes. A cross- linguistic typology*. (Explorations in Linguistics Typology). Oxford: Oxford University Press.
- Payne, Thomas (1997). *Describing morphosyntax: A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tonhauser, Judith (2007). Nominal tense? The meaning of Guaraní temporal markers. *Language* 83(4): 831-869. doi 10.1353/lan.2008-2007

Recebido: 31/5/2016

Versão corrigida: 3/6/2016

Aceito: 6/6/2016